

O TRABALHO INTELECTUAL ENTRE A NORMA E A HETERONOMIA.¹

Katya Picanço.
Faculdade Cenecista Presidente Kennedy

RESUMO

As políticas neoliberais ao atingirem a escola, atuam tanto no plano da infraestrutura como no plano pedagógico, via política e via discurso. Os Parâmetros Curriculares Nacionais ao atingirem a escola, são o discurso que atuam como determinação máxima sobre o trabalho do professor/professorado. Esta determinação atua como as normas abstratas característicos dos processos administrativos e que estão diretamente ligadas a racionalidade capitalista – a busca da qualidade, da eficiência, do rendimento. Ao se transformarem nesta máxima, eles realizam um movimento ideológico que pensado sob a égide do neoliberalismo, transportam para a atividade docente – o trabalho intelectual a lógica capitalista do lucro em detrimento de uma racionalidade humanista, transportando a atividade do professor não para desvendar do real e sim para o seu ocultamento.

PALAVRAS-CHAVE: PCNs; trabalho intelectual; heteronomia; alienação.

1. INTRODUÇÃO

A escola pública possui uma realidade multifacetada que vêm ao longo dos anos se transformando em objeto de estudos científicos. Assim, ela pôde ser pensada a partir das dinâmicas mais gerais da sociedade como a partir da sua dinâmica interna. Neste artigo busca-se fazer a relação entre um aspecto deste movimento interno – o trabalho intelectual do professor/professora– com aspectos da dinâmica mais geral – a etapa de desenvolvimento da sociedade e a aplicação das políticas neoliberais. Ao se fazer esta relação, intenta-se demonstrar um processo de estranheza e distanciamento que vem revestindo atividade do professor/professora da escola pública paranaense de uma heteronomia crescente.

A prática docente nos anos 80 e 90, nas rede pública do estado do Paraná, possibilitou o contato com fatos como: os baixos salários, os inúmeros problemas de saúde; a insatisfação permanente com o aprendizado dos seus alunos; a revolta contra a diminuta hora atividade ao mesmo tempo que a propaganda

¹ Este artigo faz parte de um conjunto de impressões reunidas a partir da observação do cotidiano do trabalho docente ao longo da carreira no magistério, nas redes de ensino, dos estados de São Paulo e do Paraná.

oficial tenta vender a imagem de “estado de primeiro mundo”, com o discurso oficial que responsabiliza o professor pelos índices de repetência e evasão (expulsão) da escola; etc. O contato com esta realidade permite que se problematize o real identificando entre os professores/professoras da rede pública estadual paranaense um distanciamento do seu objetivo: a relação com os seus alunos. Este se processa na medida em que esta atividade vêm perdendo a relativa criatividade e controle que possuía sobre a razão do seu trabalho intelectual. e se realiza a partir da existência de duas determinações reciprocamente relacionadas: uma delas está localizada no plano da produção e circulação de mercadorias da atual etapa de desenvolvimento do capitalismo, que têm como expressões fenomênicas: a reestruturação produtiva, a automação, o desenvolvimento da informática, da indústria química, os altos índices da Síndrome de Burnout, entre outros; a outra determinação é impulsionada pela implementação das políticas neoliberais que, ao atingirem a escola atuam tanto o plano da infra-estrutura como no plano pedagógico. E é entre estas duas determinações que a mudança no trabalho intelectual do professor/professora e o desenrolar do processo de heteronomia do vem se realizando.

No mundo da “mundo da pseudoconcreticidade” (KOSIK, 1995), o alheamento e o distanciamento do objetivo do seu trabalho, são partes de um processo de coisificação do *trabalho* e daquele que o executa.²

A organização a atividade educativa - planejamento do curso, quando se elege conteúdos, metodologias, recursos, assim como o ato de preparar a aula - vai sendo cerceada e o professor/professora vai buscar atender a demanda geral – aplicação dos PCNs, o Enem, o Saeb, provões - e conseqüentemente vai confrontar o seu trabalho com os resultados apresentados pelas estatísticas. Assim, a relação educativa, que deveria estar marcadamente determinada pela discussão científica e humanista, por laços de compreensão da individualidade,

² Esta coisificação cresce em grau quando temos os índices que caracterizam a existência da Síndrome de Burnout entre os professores/professoras do Paraná, segundo a pesquisa coordenada pelo professor Wanderley Codo – UNB em parceria com a CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação – CNTE. Esta síndrome está relacionada com um stress exacerbado que leva ao não reconhecimento do *outro - no sentido do ser humano*, na figura do aluno/aluna. Junto a isso temos a realização de jornadas de trabalho superiores à 8 horas diárias; 1/3 de férias não pagos nas férias, hora-atividade aquém da necessidade docente, a divisão da categoria dos professores/professoras em concursado, celetista e terceirizado, a diminuição do número de aulas o que significa diminuição do salário da parcelas contratada – celetista e terceirizada - e o aumento da violência nas escolas, entre outros.

vêm se modificando. O objetivo passa a ser essas demandas mais gerais, principalmente as exigências oficiais para o cumprimento dos PCNs e a pressão ideológica que os “dados estatísticos” exercem sobre os indivíduos ao assumirem o grau de verdade única e inquestionável.

2. OS PCNS ENQUANTO NORMA.

Os PCNs, enquanto norteadores do trabalho docente, aliados aos dados estatísticos vão pressionar o professor/professora, para adequar o seu conteúdo a realidade, ou seja a etapa de desenvolvimento da sociedade e a aplicação das políticas neoliberais. Passa a existir a primazia não da autonomia, da criatividade e da crítica mas da norma, que deve reger o trabalho em busca da qualidade, rentabilidade e da eficiência.

Há uma cobrança para que o professor/professora vá adequando o seu trabalho a diretrizes maiores, que da mesma maneira que as normas, o organograma, a hierarquia empresarial - que possuem uma justificativa ideológica – a racionalidade capitalista – vão adequando e moldando o trabalho na empresa capitalista. Assim, ao atingir o trabalho do professor/professora vão invertendo a sua razão de ser. Na carta ao professor, nos PCNs do ensino médio, o objetivo fica explícito “o objetivo é expandir e melhorar sua qualidade, para fazer frente aos desafios postos por um mundo em constante mudança”.(MEC, 1999, p. 11). A qualidade que se espera é a qualidade da adequação do ensino “ao mundo em constantes mudanças”, a da globalização como querem os arautos da pós-modernidade.

O espaço para a construção de um saber crítico, o espaço para a resistência vai diminuindo, e as exigências frente a nova realidade são cada vez maiores. O trabalho do professor/professora passou a ser condicionado por este discurso aparentemente modernizador, que traz para o plano da sala de aula o individualismo burguês, a racionalidade capitalista fazendo da atividade docente um simulacro da ação intelectual que lhe é inerente. Metas para atingir a excelência e a qualidade que são demonstradas em estatísticas oficiais que vão cerceando o controle do planejamento, da atividade de preparação das aulas impondo a lógica mais geral de

uma maneira significativa. Se num período anterior a escola devia se mobilizar para discutir o seu currículo, como preconiza a LDB, imediatamente à adoção dos Parâmetros Curriculares, todo este esforço foi “deitado por terra” seguido das diretrizes da Secretaria Estadual de Educação determinando que eles de fato - os PCNs - deveriam nortear o trabalho do professor em sala de aula. Está claro que os PCN, por si só não seriam responsáveis por este processo de alheamento do trabalho do professor/professora, pois a etapa e a conjuntura em que estes vivem, é que os determinam. Mas, há nos parâmetros um aspecto, que é característicos dos processos administrativos, que diz respeito o discurso que regem o trabalho dentro de uma empresa/organização: as regras abstratas, que devem ser seguidas por todos (PARO, 1994). Enquanto diretriz maior a ser seguida, conduz o trabalho do professor/professora a uma lógica desenraizada do cotidiano do seu trabalho, transportando a atividade do professor um simulacro da ação intelectual que lhe é inerente (GENTILI, 1999), (SILVA, 1999) (TROJAN, 2002).

Esta modificação no trabalho – que é o distanciamento do trabalho intelectual em relação ao seu objetivo, é entendido neste artigo como o desenvolvimento da alienação do trabalho intelectual e improdutivo do professor/professora. Compreende –se a partir da leitura das obras marxianas que a alienação, ou fetichização, se apresenta em relação ao trabalho produtivo, no âmbito do trabalho abstrato, quando também o trabalho improdutivo se realiza, mas que ela atinge a todos. (MARX, 1978).

3. O TRABALHO DO PROFESSOR.

Gaudêncio FRIGOTTO (1986), ao fazer um inventário das concepções que norteiam as políticas e as análises sobre a prática educativa, afirma que o determinante para o seu entendimento são as mediações necessárias para a compreensão do papel da escola na reprodução ou não da sociedade. O trabalho improdutivo, no caso a prática escolar é mediada pelas políticas tecnocráticas, que são indiretamente determinadas pelas condições de circulação e reprodução da sociedade. A mediação, ou melhor a relação dialética e contraditória entre a base material e a superestrutura permite que se entenda a prática educativa, o trabalho improdutivo do professor/professora tanto na esfera da reprodução como

da resistência. Esta dualidade não está na escola, mas na constituição da sociedade (FRIGOTTO, 1986) (SILVA, 1991) (KUEZENER, 1997)

O trabalho intelectual do professora/professor da rede pública, enquanto um trabalho intelectual e improdutivo é constituído por esse dois processos. No âmbito das conquistas elas devem ser pensadas tanto no marco das lutas mais gerais como no marco das lutas específicas dos trabalhadores em educação ao longo dos anos. (CUNHA,1977) (ARROYO, 1991). No âmbito da reprodução, mediada (FRIGOTTO, 1986), pelas lutas, ele deve ser pensado tanto do ponto de vista de teorias como a do Capital Humano, como do ponto de vista da sua crítica (FRIGOTTO, 1986) (SILVA, 1999) (KUEZENER, 1997) (ENQUITA, 1989).

Marx afirma que o trabalho produtivo é aquele que produz valor ao produzir a mercadoria, garantindo a reprodução da sociedade, dando ao capital a sua margem de lucro. Mais ainda, afirma que é somente no modo produção especificamente capitalista que a subsunção real do trabalho – produtivo - ao capital se realiza, pois é quando o produto se contrapõem ao produtor e com a apropriação da mais valia, o alheamento frente ao resultado final do seu trabalho se intensifica.(MARX, 1978) . O trabalho intelectual é um trabalho assalariado, que não produz mais valia, mas cumpre um papel significativo na reprodução das relações sociais de produção capitalistas. (FRIGOTTO, 1995)

Considera-se portanto que no processo de extração da mais valia, há um alheamento entre o produtor e o produto, que vem se desenvolvendo acentuadamente na realização da atividade cotidiana do professor/professora.

4. CONCLUSÃO

O entendimento do real, da sua totalidade e das relações que lhe são inerentes pressupõe o desvendar do processo de alienação em que vive o professor, não como um aspecto fenomênico do processo atual de reprodução da sociedade, mas como um movimento no qual o cotidiano e a etapa, o indivíduo e o todo estão imbricados historicamente. A alienação do trabalho do professor/professora é pensado dentro deste movimento, quando a etapa de desenvolvimento social vêm determinando a *práxis* cotidiana. Então retoma-se a análise do trabalho alienado do professor/professora, para tentar apontar o quanto a resistência, enquanto prática pedagógica, pode contribuir para a denúncia do

processo de normatização e alienação do trabalho intelectual dos professores/professoras em particular e dos trabalhadores em geral. Para KOSIK(1995), a quebra da formalidade na análise dialética do real indica a necessária relação entre o indivíduo e o todo, as determinações históricas e o desvendamento da realidade fetichizada. Deste forma, a Ciência realiza a sua tarefa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARROYO, Miguel.. Reverendo dos vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais da formação humana. IN SILVA, T.T. (org.) Trabalho, educação e prática social. Por uma teoria da formação humana. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.

BRAVERMAN, Harry. Trabalho e capital monopolista. Rio de Janeiro : Zahar, 1980.

CUNHA, Luiz A . Educação e desenvolvimento social no Brasil. 3ª edição . São Paulo : Cortez, 1999.

CHESNAIS, François . A mundialização do Capital. IN : COGGIOLA, Osvaldo. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

CODO, W. Educação;carinho e trabalho. Petrópolis, RJ. : Vozes/CNTE/UNB. 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutivo. 2ª ed. São Paulo : Cortez : autores associados,1986.

_____. Trabalho, educação e tecnologia: trabalho polivalente ou formação politécnica? IN SILVA, T.T. (org.) Trabalho, educação e prática social. Por uma teoria da formação humana. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.

_____. Educação e formação humana: ajuste conservador e alternativa democrática. IN GENTILI, Pablo. A . e SILVA, Tomaz T. (org.). Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação. Petrópolis : Vozes, 1999.

GENTILI, Pablo. A . Pedagogia da exclusão. Crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis : Vozes, 1995.

_____. A falsificação do Consenso. Simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo. Petrópolis : Vozes, 1998.

KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. 6ª edição . Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1995.

KUEZENER, A . A pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo, Cortez, 1985.

_____. A pedagogia das competências: o necessário enfrentamento da ambigüidade. www.ufpr.br. portal da educação. Htm.

MARX, Karl . Manuscritos Económicos-Filosóficos. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1989, p. 101.

_____. O capital. Capítulo Inédito. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. Pp. 5 – 90.

_____. Miséria da Filosofia. São Paulo : Liv. Ed. Ciências Humanas, 1982.

_____. A ideologia alemã . São Paulo: Hucitec, 1996.

PARO, VITOR H. Administração escolar: introdução crítica. 6ª edição São Paulo : Cortez, 1994.

_____. Por dentro da escola pública. 2ª edição. São Paulo : Xamã, 1996.

SILVA, Tomaz T. Produção, educação e conhecimento. IN SILVA, T.T. (org.) Trabalho, educação e prática social. Por uma teoria da formação humana. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991

TROJAN, Rose M. Profissionais da Educação e precarização do trabalho. Cadernos Pedagógicos no. 3 . junho de 2002. APP Sindicato.